

**SNBU 2025**XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 2 – Inclusão e Pertencimento

O grafite em bibliotecas universitárias: o livro de rua (Des)iguais

Graffiti in university libraries: the (Un)equal street book

Kathryn Cardim Araujo – Universidade de Brasília (UnB) – kathryn.cardim@gmail.com

Leila Fernandes dos Santos – Universidade de Brasília (UnB) –
leilabiblioteca@gmail.com

Resumo: Este estudo discute e analisa os efeitos da intervenção artística Des(iguais) grafitado em uma das paredes externas da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Utilizou-se pesquisa bibliográfica e revisão de literatura para elucidar as origens do grafite e das pichações em espaços públicos e sua compatibilidade com o patrimônio histórico. Também foi aplicado um questionário com abordagem qualitativa como instrumento de coleta de dados que deu luz às percepções de 34 segmentos da comunidade universitária. Com base na maioria dos relatos foi possível inferir que o espaço tornou-se mais acolhedor e representativo e promoveu impacto inclusivo e identitário.

Palavras-chave: Biblioteca universitária. Arte urbana. Espaço público. Grafite. Inclusão social.

Abstract: This study discusses and analyzes the effects of the artistic intervention Des(iguais) graffitied on one of the external walls of the Central Library of the University of Brasília. Bibliographic research and literature review were used to elucidate the origins of graffiti and tagging in public spaces and their compatibility with historical heritage. A questionnaire with a qualitative approach was also applied as a data collection instrument that shed light on the perceptions of 34 segments of the university community. Based on most of the reports, it was possible to infer that the space became more welcoming and representative and promoted an inclusive and identity-building impact.

Keywords: University library. Urban art. Public space. Street art. Social inclusion.





1 INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a evolução dos suportes informacionais, geralmente começamos com a argila, seguida pelo papiro, papel e diversos formatos eletrônicos, como o *e-book*. No entanto, é raro pensarmos que uma parede poderia se transformar em um livro, trata-se de um livro de rua, uma história em quadrinhos criada em uma parede utilizando técnicas de grafite.

O grafite surgiu como uma forma de expressão livre com a intenção de compartilhar ideias, de afirmar o pertencimento a um lugar e de democratizar a arte. Os desenhos de grafite na parte exterior da unidade de informação tornam o ambiente da biblioteca mais acolhedor e convidativo, visto que os livros “impressos” em paredes visam democratizar o acesso à leitura.

Brasília é uma cidade que nasceu com intensas tensões sociais, houve tentativas de afastar os mais desfavorecidos do centro do poder político do Brasil. O grafite na capital federal surge como uma forma de pertencimento ao centro da cidade, isto é, uma forma de marcar a presença em uma cidade excludente (Holston, 1993).

A história do surgimento do livro de rua na biblioteca da Universidade de Brasília (UnB) emerge devido ao problema das constantes pichações, pois eram necessárias camadas e camadas de tintas para apagar as manifestações que na maioria das vezes apresentavam protestos de cunho político. É a partir desse cenário que um autor escreve uma história e um artista torna a história viva em uma parede. O livro de rua conta uma história sobre a desigualdade social tão presente em Brasília e na própria universidade, mesmo quando essa mesma universidade recebe a cada semestre estudantes com as mais diversas classes sociais.

1.1 Grafite: a arte presente no mundo todo

A origem da palavra grafite vem do italiano *graffito* (rabisco, ranhura), do grego *graphis*, que significa “carvão natural”, material utilizado na fabricação do grafite para lápis e lapiseiras (Silva, 2014). É incerto dizer quando começou de fato as expressões gráficas em paredes. Em Pompéia foram identificadas paredes com cartazes, anúncios, poesias, devido a erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., os registros foram preservados (Gitahy, 2002).



Em 1972 na cidade de Nova York começam a surgir em paredes, muros, metrô, ônibus, caminhões, corredores e monumentos expressões gráficas com nomes, sobrenomes retirados de gibis (Baudriallard, 1996). Inicialmente eram letras, mas novas formas foram apresentadas com personagens, símbolos e abstrações, cada artista com seu estilo. Foi com a chegada do hip-hop que o grafite cresceu e atingiu os países ocidentais e orientais (Ganz; Manco, 2008). O grafite pode apresentar-se na forma verbal e/ou icônica visto que o teor do grafite excede o código verbal, a composição exhibe outras particularidades como: cor, forma, lugar da elaboração da expressão e materiais utilizados (Silva, 2014).

O grafite é “[...] dinâmico, híbrido e intersticial [...]” (Almendra, 2020, p. 26), “[...] sincrético, transcultural [...]” (García Canclini, 1996, p. 338), “[...] transgressor, desafiador, inapreensível à lógica funcional que estrutura o espaço urbano” (Wahba, 2009, p. 50). O grafite é uma maneira de assinalar identidade e pertencimento dos indivíduos a um determinado lugar. Essa manifestação adquire diferentes formas dependendo dos contextos e dos lugares e podem ser elaborados anonimamente ou com uso de codinomes ou *tags* (Almendra, 2020). A origem do grafite pode ser espontânea, artística ou militante e tem sete valências, que podem estar todas presentes ou não e em maior ou menor intensidade: marginalidade, anonimato, espontaneidade, crença, velocidade, precariedade e fugacidade (Silva, 2014).

O grafite no Brasil surgiu na década de 1960 como forma de contestação à ditadura militar, essas primeiras intervenções urbanas não se preocupavam com estética, nem tinham como objetivo promover o autor da expressão gráfica (Wahba, 2009). Devido a utilização do grafite como expressão de protesto a favor da democracia, essa manifestação visual é considerada uma ação transgressora por natureza, portanto associada a uma forma de protesto (Lassala, 2017).

As primeiras manifestações do grafite como expressão artística surgiram no Brasil na década de 1970 (Wahba, 2009). Com o tempo o grafite aperfeiçoou-se e tornou-se uma alternativa à pichação. A arte surgiu nas ruas e era marginalizada, atualmente faz parte da cultura pop contemporânea, ganhando as galerias, redes sociais e lugares privilegiados dos grandes centros urbanos (Caixa Cultural, 2015).

No Brasil, existem diferenças estéticas e legais entre grafite e pichação. Esteticamente, o grafite tende a valorizar mais a imagem, enquanto a pichação se



concentra na palavra e/ou letra (Gitahy, 2002). Legalmente, a pichação é considerada um crime, enquanto o grafite, quando autorizado pelo proprietário, não é visto como ato criminoso. A separação entre grafite e pichação é um fenômeno particularmente brasileiro, na literatura estrangeira é raro a diferenciação entre as duas expressões urbanas (Lassala, 2017). O grafite está cada vez mais fazendo parte da configuração das cidades, tornando-se pontos turísticos e incentivado pela sociedade e pelo poder público.

O grafite veio para democratizar a arte, na medida em que ocorre de maneira livre e sem compromisso com qualquer restrição espacial ou ideológica (Gitahy, 2002). Além de alterar a configuração da cidade (Wahba, 2009). Opõe-se à publicidade porque as massas deixam de ser receptores para atuar como produtores de opinião e interação com a sociedade. Para Lassala (2017), grafite é uma intervenção urbana com letras e/ou componentes figurativos, que valorizam o aspecto estético porque apresentam elementos como cor, luz, perspectiva e colagem. Os suportes são variados: telas, calçadas, galerias subterrâneas, edificações abandonadas entre outros. Os temas das obras são voltados para críticas políticas e sociais. Normalmente o grafite é feito em locais abandonados com a intenção de revitalização do lugar ou podem ser contratados pelo proprietário do local para execução da obra.

Já a pichação está ligada à gangues que competem por visibilidade, por isso picham em locais de difícil acesso mas facilmente percebido por quem passa no lugar. Possui uma gramática própria, as letras desenhadas não são compreensíveis para o público que não pertencem a esses grupos. As pichações não são autorizadas pelo proprietário do local e as inscrições colaboram com a poluição visual (Lassala, 2017).

O grafite em Brasília tem aspectos específicos que tornam a expressão gráfica particular e diferente das outras cidades brasileiras: está vinculada com a relação centro - periferia, pertencimento à cidade e participação dos debates políticos e sociais no centro político, administrativo e patrimônio cultural da humanidade (Almendra, 2020)

Brasília é uma cidade de alto custo de vida e moradia, assim percebe-se a formação de verdadeiros “dormitórios”. Segundo estudo sobre densidade urbanas nas regiões administrativas do Distrito Federal, as densidades mais elevadas são de cidades afastadas mais de 25 km do centro (Jatobá, 2017). A população precisa enfrentar longas distâncias e altos custos de transporte para deslocar-se ao centro para trabalhar. Assim,



a organização do trabalho em Brasília é influenciada pela forma da ocupação urbana (Holston, 1993). Desse modo, os grafiteiros de cidades periféricas deslocam-se até o centro e executam os seus trabalhos para se sentirem incluídos nesses espaços, por isso o grafite é uma ação de participação, apropriação, pertencimento e conquista ao centro da cidade (Almendra, 2020).

As dificuldades de produzir grafite na capital federal deve-se à alta vigilância dos edifícios, grandes espaços vazios, térreos das superquadras vazados por *pilotis* e ausência de ruas (Almendra, 2020). Percebe-se que

[...] Brasília substitui a rua por vias expressas e becos residenciais; o pedestre, pelo automóvel; e o sistema de espaços públicos que as ruas tradicionalmente estabelecem é substituído pela visão de um urbanismo moderno e messiânico (Holston, 1993, p. 109).

Soma-se a esses fatores o motivo da cidade ser considerada patrimônio cultural da humanidade e ao tombamento do Plano Piloto. Segundo a Lei nº 12.408/2011, há aumento da pena de multa e detenção para aqueles que picharem em monumento ou coisa tombada (Brasil, 2011)

1.2 O grafite na Biblioteca Central da Universidade de Brasília

A Biblioteca Central da UnB (BCE) apresenta um estilo arquitetônico chamado Brutalismo, trata-se de um estilo que tem como característica o uso do concreto aparente nas edificações. A arquitetura brutalista começou em São Paulo e expandiu para a recém-inaugurada Brasília. Existem duas vertentes do brutalismo, a carioca e a paulista. Isso porque após o golpe militar a primeira equipe responsável pelos projetos arquitetônicos de Brasília demitiu-se e abriu espaço para outro grupo – os paulistas (Schlee, 2013).

A BCE segue o estilo paulista, foi projetada em 1969 e inaugurada em 1973. O prédio é de autoria de Miguel Pereira, José Galbinski, Jodete Rios Sócrates e Walmir Aguiar, com colaboração de Milton Ramos. Trata-se de um grande bloco de concreto aparente, as fachadas principais são protegidas por grandes panos verticais de concreto aparente utilizados para sombreamento dos espaços internos (Schlee, 2013).

Alguns edifícios da UnB são alvos de constantes pichações e para cobrir as intervenções eram realizadas periodicamente pinturas em tom de cinza – a cor do concreto aparente – localizada nas expressões gráficas executadas pelos usuários da

universidade. Os desenhos e pichações na universidade são manifestações dos valores sociais, diversidade de ideias e o histórico de protestos políticos que fazem parte da história da UnB. Essas manifestações frequentes são pichações engajadas, com temas atuais relacionados à política e à cidadania, conforme relata Guimarães (2019):

[...] a grande reincidência de intervenções onde foram executadas as pinturas em cinza comprova que esse tipo de estratégia estimula o caráter transgressor motivador destas manifestações, demonstrando, portanto, a sua ineficácia. Ao cobrir as expressões de valores culturais socialmente adquiridos, a pintura fere igualmente valores históricos da utilização e da autenticidade do concreto aparente.

Figura 1 - Fachada da lateral da biblioteca em 2018



Fonte: Guimarães (2019).

Descrição: Fachada da lateral da BCE com diversas pichações

Assim, a solução para as constantes pichações foi permitir a produção de um livro de rua, um projeto do escritor Hugo Barros. Trata-se de um livro ilustrado com capa, ficha catalográfica e textos, em uma parede. A história é executada sob o concreto pelos artistas do grafite e apesar do formato diferente, a obra conta com produção gráfica e revisão. Além disso, está disponível no catálogo da biblioteca e lhe foi designado um número de exemplar. A ideia de publicar em uma parede é inédita e surgiu devido a dificuldade do autor publicar uma versão impressa com uma editora.

De acordo com Barros e Omik (2023) o Livro de Rua “[...] é um projeto de democratização e incentivo à leitura”. Ao todo foram grafitados 3 livros com títulos diferentes que tratam de temas sociais e que por algum tempo transformaram as ruas de Brasília em uma biblioteca a céu aberto. A obra também foi finalista da categoria Inovação do Ano no Prêmio *PublishNews* 2023 (Sobota, 2023).

Mesmo com as dimensões gigantescas da BCE, em pouco tempo a fachada da lateral com as pichações passa a ser um Livro de Rua e uma rota de visita a todos(as) que por ali transitavam.

Figura 2 - Fachada da lateral da biblioteca em 2023



Fonte: das autoras.

Descrição: Fachada da lateral da biblioteca com um desenho de grafite denominado (Des)iguais

A história que estava disponível no parede da biblioteca chamava-se (Des)iguais e cada quadrinho tinha um personagem com uma situação social oposta a outros personagens, como por exemplo: “[...] Jussara vai toda semana à biblioteca; Luiz Fernando não gosta muito de ler; Janaína tem uma biblioteca em casa; Júlia tem dois filhos e não sabe ler” (Bastos; Omik, 2022).

2 METODOLOGIA

As informações contidas neste trabalho foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura devido ao seu caráter descritivo para identificar e classificar as principais características e singularidades da arte urbana.

A segunda etapa da pesquisa teve abordagem qualitativa onde foi elaborado um questionário com base no que mencionam Marconi e Lakatos (2019, p. 322) que é “[...] um tipo de instrumento que oferece a vantagem da economia de custo, de tempo, bem como pode atingir um grande número de pessoas e proporcionar menor risco de interferência do pesquisador nas respostas dos pesquisados”. Dessa forma, o questionário apresentou questões que abordaram a data de admissão na instituição, o tipo de vínculo, o curso ou departamento, se o respondente frequentava a biblioteca, se leu o Livro de Rua Des(iguais), sua percepção sobre a obra, qual o impacto na sua vida, seu conhecimento prévio sobre arte urbana, qual sua visão sobre a biblioteca depois da iniciativa, se arte urbana como crítica social são importantes em ambientes universitários (aqui foi utilizado uma escala Likert), também foi solicitada uma nota para a biblioteca e se a obra já foi tema de discussão em algum momento na universidade.



As questões foram apresentadas em um formulário do google e enviadas via *whatsapp* para 10 grupos unificados, os quais são criados pelos departamentos e faculdades como forma de comunicação rápida com os discentes dos cursos da UnB; para grupos de terceirizados que atuam junto à Biblioteca Central, e também foi enviado e-mail para a Secretaria de Comunicação, professores do departamento de Artes e Arquitetura e Urbanismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao estudar sobre o “que é um livro?” percebe-se que existem várias nuances na construção desse conceito: sua forma, o seu *design*, e sua tipografia que, por exemplo, interferem no resultado final. De acordo com Tschichold (2007, p. 31), “[...] o *design* do livro não é campo para aqueles que desejam ‘inventar o estilo de hoje’ ou ‘criar algo novo’”. O autor ainda nos coloca que “[...] o objetivo de todo *design* de livro deve ser a perfeição [...] ser ‘novo’ e surpreendente é a meta dos publicitários” (Tschichold, 2007, p. 31), o autor chega a mencionar que a tipografia poderá interferir no tipo de entendimento que o leitor terá sobre o conteúdo final da obra.

Ao mesmo tempo é possível encontrarmos conceitos mais abrangente como os de Cunha e Cavalcante (2008, p. 231) que nos diz que o livro é “[...] um suporte de uma certa matéria e dimensão, ou dobrada ou enrolada, sobre a qual são colocados sinais representativos de determinados dados intelectuais”.

Para além da arte da tipografia é visível que as formas de apresentação de conteúdos vêm se ressignificando e nesse sentido corroboramos com a ideia de Ortega Y Gasset que nos diz que “[...] o trabalho do bibliotecário variou sempre em função, rigorosamente, do que o livro significava como necessidade social” (Ortega Y Gasset, 2006, p. 16).

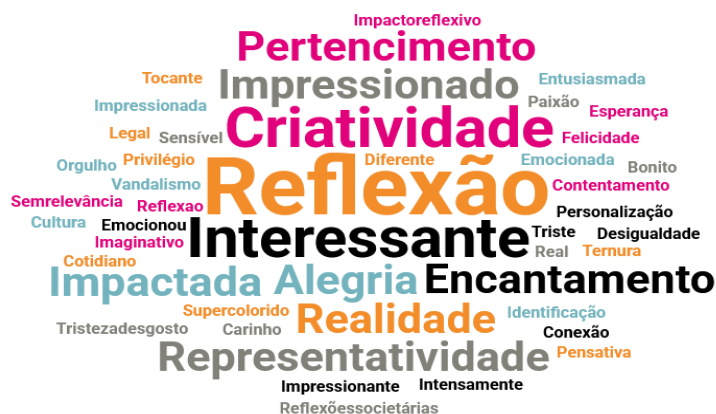
Mais que um painel grafitado a céu aberto, o livro de rua Des(iguais) que foi estampado na parede externa da BCE, fez com que nos defrontássemos com uma obra com imensas dimensões, explícita, complexa e com alto nível de possibilidades de interpretação sobre as realidades vividas naquele espaço. E foi assim que erguendo-se contra os conceitos tipográficos nasceu um livro de rua nas paredes de uma biblioteca

universitária. Ele nos impelia a termos emoções e nos levava a conscientização sobre a realidade dos processos sociais.

O questionário que foi usado como instrumento apresenta resultados que identificam e dão voz às percepções e efeitos da arte urbana que ficou exposta na Biblioteca Central durante os anos de 2023 a 2025. O questionário recebeu respostas durante 1 mês no ano de 2025 e foram recebidas 87 respostas dos seguintes segmentos: 1 Administração, 1 Agronomia, 1 Antropologia, 3 Arquivologia, 3 Artes visuais, 16 Biblioteca, 20 Biblioteconomia, 1 Centro de Educação a Distância e Tecnologias Educacionais, 1 Ciências Contábeis, 3 Ciências Sociais, 1 Comunicação Organizacional, 1 Contabilidade, 1 Decanato de Administração, 1 Decanato de Inovação, 1 Decanato de Planejamento e Orçamento, 1 Engenharia Elétrica, 1 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1 Faculdade de Ciências e Tecnologias em Engenharia, 1 Faculdade de Planaltina, 2 Gestão Ambiental, 1 História, 1 Instituto de Física, 1 Instituto de Ciência Humanas, 1 Letras Português, 2 Saúde Coletiva, 2 Nutrição, 1 Profnit/UnB, 9 Relações internacionais, 1 Secretaria de Direitos Humanos, 2 secretaria de Comunicação, 2 Sociologia, 2 Teoria Crítica e História da Arte. A quantidade de cursos presentes na amostra evidencia a pluralidade de perspectivas.

Os relatos e a análise que segue discorre sobre as percepções das pessoas que por ali passaram. Quando questionados sobre qual o primeiro sentimento que tiveram ao ler o livro Des(iguais) ficou evidente que o formato proposto não interferiu na compreensão do texto e está alinhado com a concepção do autor da obra. A seguir destacamos as palavras usadas pelos respondentes:

Figura 3 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Descrição: Nuvem de palavras sobre a percepção dos respondentes



Dos 87 respondentes, 85 consideram a obra um grafite e apenas 2 pichações. Quando solicitados a dar sua opinião sobre se arte urbana com críticas sociais são relevantes no ambiente universitário, 67 respondentes expressaram que são essenciais, 17 que são importantes, mas com limites e 3 pessoas responderam que é vandalismo. Também foi solicitado que fosse dada uma nota de 1 a 5 para a BCE pela iniciativa e a média foi 4,59. Quando perguntados se sabiam dizer se essa arte visual urbana já foi tema de discussão em algum momento na universidade 6 respondentes informaram que foi tema nas seguintes áreas/disciplinas: Disciplina de Análise de Informação; Instituto de Letras; Departamento de Arte; Disciplina de Introdução a Antropologia; Mestrado de Letras e Arquitetura. Quanto à visão sobre a BCE, a maioria das respostas a celebra como um espaço dinâmico, inclusivo e culturalmente relevante, que usa a arte para promover reflexão e pertencimento. Embora haja algumas críticas pontuais, o *feedback* geral é extremamente positivo, com demandas por mais iniciativas semelhantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte urbana na BCE foi majoritariamente percebida como uma iniciativa positiva, promovendo inclusão, reflexão e revitalização do espaço. A diversidade de opiniões reflete a complexidade da relação entre arte, patrimônio e identidade institucional. Recomenda-se a continuidade de projetos semelhantes, com atenção a diálogos sobre preservação e rotatividade artística.

Após 2 anos a necessidade de preservação do patrimônio público trouxe em seus punhos as lixadeiras, os seladores, a impressão de limpeza e o apagamento do lembrete de um recorte social que não deve ser esquecido e que reafirma a existência de muitas Júlias, Thaílas, Minos e Abéis. Agora o prédio encontra-se devidamente preservado e deixou na mente dos que ali passaram a certeza do papel social das Bibliotecas Universitárias. As lixadeiras removeram das paredes o chamado para consciência social e transformaram tudo em uma poeira colorida, a qual esperamos que tenha impregnado muitas mentes e plantado muitas sementes.



REFERÊNCIAS

ALMENDRA, Renata Silva. **A cidade inteira é minha**: representações e territorialidades nos grafites de Brasília. 2020. 321 f. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/40892>. Acesso em: 19 maio 2025.

BARROS, Hugo; OMIK, Mikael (il.). **(Des)iguais**: livro de rua. Brasília, DF: Universidade de Brasília; Biblioteca Central, 2022. ISBN 9786599796623.

BARROS, Hugo; OMIK, Mikael (il.) [S. l: s. n.], 10 jul. 2023. 1 vídeo (1 min.). Publicado no Instagram @livroderua. Disponível em: <https://encurtador.com.br/SFft9> Acesso em: 24 ago. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BRASIL. Lei 12.408 de 25 de maio de 2011. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 25 maio 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/CqUWQ>. Acesso em: 08 maio 2025.

CAIXA CULTURAL. **Street art**: um panorama urbano. Brasília, DF: Caixa Cultural Brasília, 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

GANZ, Nicholas; MANCO, Tristan (Coord.). **O mundo do grafite**: arte urbana dos cinco continentes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EdUSP, 1997.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GUIMARÃES, Maíra Oliveira. Cinquenta tons de cinza: escalas de ação e de valorização do concreto aparente. *In*: DOCOMOMO BRASIL, 13., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/46055>. Acesso em: 19 maio 2025.

HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JATOBÁ, Sérgio Ulisses. Densidades urbanas nas regiões administrativas do Distrito Federal. **Texto para discussão**, Brasília, n. 22, 2017. ISSN 2446-7502. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hczMD>. Acesso em: 19 maio 2025.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira, 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet Lemos, 2006.



SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas**: grafite, arte pública e nichos estéticos. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Très Bruit, nem tão vitrineira, nem tão tola... *In*: DOCOMOMO BRASIL, 10., 2013, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2013. 1-15 p. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/207>. Acesso em: 19 maio 2025.

SOBOTA, Guilherme. BibliON, Livro de Rua e Rodovias Literárias são os finalistas da categoria Inovação do Ano no Prêmio PublishNews 2023. **PublishNews**, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/k3dSI> Acesso em: 24 ago. 2025.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro**: ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

WAHBA, Liliana Liviano. **O grafite e a psique de São Paulo**: metáforas da cidade. São Paulo: Blucher, 2009.